



COLÉGIO LUIZA DE MARILLAC

EXTERNATO POPULAR SÃO VICENTE DE PAULO

Rua Voluntários da Pátria, 1.653 - Santana - São Paulo - CEP: 02011-300

Tel/fax: 2226-6161 - www.marillac.g12.br - marillac@marillac.g12.br

Modernismo, Modernidade

Fábio José da Silva

Comumente ouvimos as pessoas referirem-se à nossa época como modernidade, filhos colocarem-se em oposição aos pais como sendo modernos diante daqueles ultrapassados, velhos e fora de sintonia com o mundo moderno que se descortina em um futuro brilhante e risonho para todos. Sendo estritamente positivista, ou seja, apegado a datas, números e regras, a Idade Moderna acabou no momento em que iniciou a Revolução Francesa, em 1789. Viveríamos hoje em um período chamado, curiosamente, de Idade Contemporânea. Felizmente alguns pesquisadores há muito deixaram de se apegar a essas divisões da História em períodos estanques e sem muito contato com a realidade vivida pelas pessoas em seu cotidiano. De certa maneira continuamos a viver em uma sociedade moderna, com características orientadas pelos valores da modernidade. É bem verdade que nos transformamos muito, não guardamos muitas semelhanças com pessoas do século XVI, mas assim mesmo continuamos a valorizar a família, a querer acumular dinheiro, a desejar viver um amor como o de Romeu e Julieta sem o mesmo final, a ver, ser vistos, a querer o novo, e moderno em detrimento do velho e ultrapassado. Em suma, somos muito modernos. Um filósofo estadunidense, chamado Marshall Bermann dividiu a modernidade em três fases:

Na esperança de ter algum controle sobre algo tão vasto quanto a história da modernidade, decidi dividi-lo em três fases. Na primeira fase, do início do século XVI até o fim do século XVIII, as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna; mal fazem ideia do que as atingiu. Elas tateiam desesperadamente, mas em estado de semi-cegueira, no encaixe de um vocabulário adequado [...].

Nossa segunda fase com a grande onda revolucionária de 1790. Com a Revolução Francesa e suas reverberações, ganha vida, de maneira abrupta e dramática, um grande e moderno público. Esse público partilha o sentimento de viver em uma era revolucionária, uma era que desencadeou explosivas convulsões em todos os níveis de vida pessoal, social e política. Ao mesmo tempo, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro.

Profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge, se desdobra a ideia de modernismo e modernização. No século XX, nossa terceira e última fase, o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento, por outro lado a medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagem incomensuravelmente confidenciais; a ideia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas. Em consequência

disso encontramos-nos hoje em meio a uma era moderna que perdeu seu contato com as raízes de sua própria modernidade.¹

No momento o que nos interessa é a primeira fase, período em que, nas palavras do autor as pessoas tateiam em busca de uma linguagem adequada para poder nomear o mundo novo em que estão vivendo, afinal de contas o mundo medieval, em que os vizinhos conheciam uns aos outros, em que as distâncias percorridas pela maioria das pessoas era de poucos quilômetros além de suas casas estava ficando para trás. Se durante quase mil anos a imobilidade era o comportamento padrão, explicitada pelo maior símbolo de riqueza do período, a terra; com o período moderno, o que nascia junto com a valorização do dinheiro, era a mobilidade, o ir de um lado a outro, avançar por terras desconhecidas, ir em busca da riqueza em lugares inimagináveis.

A modernidade igualmente vai afetar a vida das pessoas transferindo o ponto de apoio moral. Se durante o período medieval havia a certeza de que a vida seguia um ritmo tranquilo com a certeza de que cada qual já tinha seu período determinado para viver, assim como suas penas, definidas de antemão por Deus, no período moderno, aos poucos vai se instalando a dúvida na cabeça das pessoas. Mais até do que a dúvida, as pessoas vão aos poucos desejando viver mais do que se apresenta a elas, o desejo, de ter mais, de poder mais, de fazer mais entranha-se na sociedade moderna. O personagem principal da peça de Goethe, Fausto, dá bem a indicação de como se formara na vida das pessoas o desejo, um desejo, muitas vezes incompreensível, que não se sabe exatamente desejo de que nem por que, mas sente-se. Publicado em 1806, a primeira parte, mas que fora inspirada na vida de um médico alquimista Johannes Georg Faust, que vivera entre 1480 e 1540. Na peça, Fausto conversa com Mefistófeles e, na iminência de vender sua alma, deixa claro quais são as suas intenções ao assinar contrato com o inferno, ele quer:

Entendamo-nos bem. Não ponho eu mira na posse do que o mundo alcunha gozos. O que preciso e quero, é atordoar-me. Quero a embriaguez de incomportáveis dores, a volúpia do ódio, o arroubamento das sumas aflições. Estou curado das sedes do saber; de ora em diante às dores todas escancaro est' alma. As sensações da espécie humana em peso, quero-as eu dentro em mim; seus bens, seus males mais atrozes, mais íntimos, se entranhem aqui onde à vontade a mente minha os abraça, os tateie; assim me torno eu próprio a humanidade; e se ela ao cabo perdida for, me perderei com ela.²

O que Fausto quer é viver tudo, tudo o que for possível, tudo o que a humanidade sente. Fausto é uma espécie de Adão moderno, comendo o fruto da árvore da sabedoria, mas sem uma Eva ou serpente a tentar-lhe; ele opta por perder-se por sua própria vontade, por seu desejo de conhecer, de sentir, em excesso.

O que move Fausto é a dúvida a respeito do mundo, a insatisfação com o que vivera até então, a primeira fala de Fausto, na peça é a da desolação, por não ter certeza do que vivera até então. Fizera o certo?

Ao cabo de escutar com o mais ansioso estudo filosofia, e foro, e medicina, e tudo até a teologia... encontro-me qual dantes; em nada me risquei do rol dos ignorantes.

Mestre em artes me chamo; inculco-me Doutor; e em dez anos vai já que, intrépido impostor, aí trago em roda viva um bando de crendeiros, meus alunos... de nada, e ignaros verdadeiros. O que só liquidei depois de tanta lida, foi que a humana inciência é lei nunca infringida. Que frenesi! Sei mais, sei

¹ BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

² GOETHE, Johann Wolfgang. **Fausto**. Edição eletrônica.

mais, isso é verdade, do que toda essa récuá inchada de vaidade: lentes e bacharéis, padres e escrevedores.

Já me não fazem mossa escrúpulos, terrores de diabos e inferno, atribulados sonhos e martírio sem fim dos ânimos bisonhos. Mas, com te suplantar, fatal credulidade, que bens reais lucrei? gozo eu felicidade? Ah! nem a de iludir-me e crer-me sábio. Sei que finjo espalhar luz, e nunca a espalharei que dos maus faça bons, ou torne os bons melhores; antes faço os bons maus, e os maus inda piores.

Lucro, sequer, eu próprio? Ambiciono opulência, e vivo pobre, quase à beira da indigência. Cobiço distinguir-me, enobrecer-me, e vou-me com a vil plebe confuso, à espera em vão de um nome. E chama-se isto vida! Os próprios cães da rua não queriam dar em troco desta a sua.³

A insatisfação com o mundo, ao menos com a vida vivida, a dúvida a respeito das escolhas feitas, tão comuns em nossos dias era uma novidade no início da modernidade. O aumento do sentido de responsabilidade e a consequente diminuição do papel de Deus na vida das pessoas torna a existência um fardo, por vezes, difícil de carregar.

A Ascensão Burguesa

Essa nova perspectiva existencial caracteriza a ascensão de uma nova classe social, a burguesia. Inicialmente burgueses eram apenas os moradores das cidades (burgos), aos poucos esses burgueses vão fazendo valer seus gostos, valores morais, sua orientação econômica, a toda a sociedade ocidental.

Se até o fim da Alta Idade Média, por volta do ano 1000, o que preponderava na sociedade européia eram os costumes nobiliárquicos, aos poucos a burguesia vai impondo seus valores e suas aspirações.

Já no século XII duas instituições essenciais para a ascensão burguesa são criadas, os bancos e as universidades. Os bancos surgem da necessidade de se transportar valores em segurança de um lado a outro. Com as estradas cheias de perigos andar com moedas de ouro era temerário, mais seguro era andar com um documento que atestasse o direito do indivíduo de sacar a quantia determinada no documento em qualquer banco associado ao que tinha seu depósito original. Ao mesmo tempo valorizando o conhecimento os burgueses incentivam a criação das primeiras Universidades, instituições ligadas diretamente à Igreja, mas que buscava a organização do conhecimento de forma mais racional do que a existente até então.

Dinheiro e conhecimento passam a moldar a sociedade, ter a posse do primeiro e garantir o aumento do segundo era o diferencial entre a sociedade burguesa, em franca ascensão e a nobreza, detentora do poder político e econômico durante toda a Idade Média. Essa classe social, cada vez mais poderosa irá transformar a Europa como veremos adiante.

Referências:

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____. **Aventuras no marxismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

³ Idem, Ibidem.